

da velha guarda, como o saudoso Paulo Rocha Pinto e o ainda felizmente bem vivo Corinto Pereira de Toledo, que, com seus oitenta janeiros, continua petronizando pelas ruas de nossa cidade, a lembrar-nos que os grandes paulistas das velhas tradições, mercê de Deus, não desapareceram de todo.

Mas, se não o conheci pessoalmente, fui leitor assíduo de suas crônicas no grande jornal de Júlio Mesquita, bem como consulente freqüente, por necessidade e por prazer, de seus quatro volumes sobre a velha terra ituana. “Aparentemente, F. Nardy Filho foi um modesto cronista provinciano”, lembrou no dia de seu centenário a nota que lhe consagrou o jornal em que, por tantos anos, colaborou. Mas, é o mesmo articulista quem acrescenta que, na realidade, foi um historiador de pulso, a merecer, neste centenário, o levantamento de sua obra dispersa, e ainda a reedição de seus livros, verdadeiros clássicos da nossa história local.

Homem de arquivo, pois durante muitos anos teve a seu cargo a direção do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, Nardy Filho não foi apenas um guardador de papéis, mas um pesquisador de faro, que soube tirar dos documentos toda a lição que eles pudessem oferecer. Eis por que seus livros sobre a cidade de Itu, bem como suas crônicas em “O Estado”, carregam um profundo conteúdo humano, sendo, portanto, do maior interesse para a história social e cultural da região e dos assuntos estudados. Pesquisador nato, nunca precisou freqüentar escolas ou enveredar pelos meandros da teoria e da metodologia para fazer boa história. Sempre tive uma profunda simpatia pelos historiadores locais e sempre tive em mira valorizar-lhes a obra, aproveitando-a com freqüência, e tirando dela elementos substanciais para a compreensão verdadeira e plena do processo histórico de nosso país. Uma relação desses historiadores locais nos apresentaria uma rica galeria de verdadeiros construtores da nossa historiografia. Aqueles que, pedra a pedra, vão contribuindo para a construção do grande monumento que será nossa historiografia, o dia em que ela puder ser escrita não para servir a ideologias, mas para servir à verdade e à humanidade. Entre esses, creiam os leitores, o velho Chiquito Nardy fará boa figura. ( 23/3/1979. )

\*

\*      \*

## RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

( Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista, às sextas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram publicadas. )

## 9. MINHA INICIAÇÃO FLORENCIANA

Distinguido com honroso convite para ser o conferencista da sessão solene realizada terça-feira última, na Academia Campinense de Letras, comemorativa do centenário do falecimento de Hércules Florence, julguei oportuno recordar como foi que tomei conhecimento da existência, da vida e obra do grande franco-campineiro que, após incrível jornada aos sertões do Brasil como integrante da famosa e ao mesmo tempo trágica Expedição Langsdorff, escolheu nossa cidade para sua residência, aqui constituindo família proveniente de dois matrimônios, e aqui realizando suas pesquisas em torno da fotografia, de cuja invenção é o verdadeiro pai, antecipando de alguns anos ao seu compatriota Daguerre. Os direitos de Hércules Florence são hoje universalmente reconhecidos, segundo o testemunho das mais autorizadas e idôneas entidades científicas do mundo.

Nos meus tempos de menino — lembrei na palestra — Hércules Florence era para mim simples nome de uma pequenina rua, na qual o velho e saudoso bonde “Botafogo” entrava para tomar a Rua Culto à Ciência e depois retornar pela Andrade Neves. Rua estreitíssima (mais que o comum das ruas campineiras), era mediante hábil e assustadora manobra dos motorneiros que o bondinho por ela embarafustava para depois seguir seu caminho normal.

O assistir quase diário a esse episódio deu-me certa familiaridade e também simpatia pelo nome da pequena rua, levando-me a indagar sobre o homenageado. Por incrível que pareça, minha professora do Grupo Escolar não me soube dizer senão que lhe parecia Hércules Florence fora um francês que outrora residira em Campinas... E provavelmente muita gente não soubesse mesmo mais que isso.

Foi através dos escritos do Visconde de Taunay que tomei conhecimento do franco-campineiro, pois não só ele o arrolou entre os “estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil”, precioso elenco publicado na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como dele traduziu (e publicou na mesma revista) o relato da famosa Expedição Langsdorff. Uma parte desse relato, sob o título de **De Porto Feliz a Cuiabá**, reproduzido em 1928 na “Revista do Museu Paulista”, foi o texto florenciano que me coube ler quando, adolescente ainda, tomei-me de interesse pela vida e obra de Hércules Florence. De fato, não tinha acesso, morando em cidade de interior, à preciosa “Revista do Instituto Histórico Brasileiro”, onde o texto integral fora publicado, e, em forma de livro, a **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas** só apareceria em 1941, editado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, com prefácio de Afonso de Taunay e nota introdutória de Ataliba Florence. Todavia, embora possua hoje o texto integral da **Viagem fluvial** (inclusive na versão revista pelo autor em

1848 ), conservo com grande carinho a edição parcial de 1928, que foi, por assim dizer, a minha iniciação à obra do grande franco-campineiro, cujo centenário de falecimento vem de ser comemorado. ( 30/3/1979. )

## 10. HÉRCULES FLORENCE E O VISCONDE DE TAUNAY

Em 1865, integrando a expedição que se celebrizaria na famosa e ao mesmo tempo trágica retirada de Laguna, passou por Campinas o futuro Visconde de Taunay, na época apenas Alfredo d'Escagnolle Taunay, jovem tenente de Engenharia, com pouco mais de vinte anos de idade. Ocupou-se de nossa cidade e de nossa gente no relatório da expedição publicado na "Revista do Instituto Histórico Brasileiro" e, posteriormente, tirado em livro com o título de **Marcha das Forças**, e, ainda, em numerosas cartas à sua irmã Adelaide, cartas estas reunidas em volume, ao ensejo de seu centenário, em 1943, pela Biblioteca do Exército, sob o título **Cartas da Campanha de Mato Grosso**. Nelas relatou o futuro político e romancista seus contactos com a sociedade campineira e seu relacionamento com Hércules Florence, a quem freqüentes vezes visitou e de cujos trabalhos tomou conhecimento. Tanto que se interessou em divulgá-los, como o fez com a **Zoophonia**, que traduziu e publicou no tomo 37, parte 2ª, correspondente ao quarto trimestre de 1876, da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, o mesmo tomo, aliás, em que publicou a conclusão do relato da Expedição Langsdorff, também por ele traduzido e cuja divulgação começou no tomo anterior.

É certo que por ocasião de sua passagem por Campinas Taunay ainda não conhecia o relato da Expedição Langsdorff, pois embora Hércules Florence, de volta da viagem, o confiasse ao pai do Visconde, Félix Emílio Taunay, ficou esquecido, talvez mesmo perdido, por quase quarenta anos. É o próprio Visconde de Taunay quem o confessa, no prefácio que antepôs à publicação que empreendeu na Revista do Instituto em 1875/76. Publicação, diga-se de passagem, só feita depois que Taunay obteve o consentimento do autor, que ainda vivia em Campinas. As cartas de Taunay a Hércules Florence podem ser lidas no livro de Estêvão Leão Bourroul sobre o franco-campineiro, publicado em São Paulo em 1900.

Dessa forma — através da tradução e divulgação de, pelo menos, dois dos seus trabalhos, a **Zoophonia** e o relato da Expedição Langsdorff — vinculou-se a Hércules Florence o nome do autor de **A Retirada da Laguna, Inocência**, e tantas outras obras significativas de nossa bibliografia histórica e literária, num total de mais de trinta volumes, infelizmente na quase totalidade fora do alcance do leitor de hoje, por estarem esgotados, à exceção dos dois mencionados, que continuam merecendo o favor do público e, conseqüentemente, o interesse dos editores.

O que hoje conhecemos por **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas** ( título dado por Hércules Florence ao reescrever seu relato trinta anos mais tarde ), chamava-se originalmente **Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829**, e ainda com as indicações: “escrito em original francês pelo 2º desenhista da comissão científica Hércules Florence, traduzido por Alfredo d’Escragnon Taunay”. Só em 1941, o **Esboço** apareceria, já com o título novo, em forma de livro, editado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, com prefácios de Afonso de Taunay e Ataliba Florence. ( 6/4/1979 )

## 11. MARIA DUSÁ

O término, há pouco, de uma novela da TV Globo, extraída do romance **Maria Dusá**, de Lindolfo Rocha, levou-me a recordar alguma coisa desse escritor mineiro, hoje praticamente esquecido, mas que foi um dos pioneiros do romance regional no Brasil. Lindolfo Rocha era de Grão-Mogol – tal como o Ricardo Valeriano Brandão, principal personagem masculino de seu mais célebre romance – mas foi em Jequié, na Bahia, que viveu a maior parte de sua vida e para onde foi logo após formado em Direito pela Faculdade do Salvador.

O romance que a televisão utilizou retrata o ambiente da Chapada Diamantina, na década de 1860, ou seja, quando a extração do diamante abriu novas perspectivas para aquela vasta região que, na verdade, pouco se beneficiou dessa rendosa atividade extrativa, como, aliás, aconteceu em todas as áreas garimpeiras. **Maria Dusá** apresenta-se mesmo como romance “chapadista”. O autor soube captar os principais aspectos tanto positivos como negativos da vida chapadista, numa razoável ambientação histórica, provavelmente exagerada na novela, pois Xique-Xique ( ou Chique-Chique, como então se escrevia ) mesmo no período áureo das grunhas nunca teve a vida luxuosa e requintada a nós apresentada pela novela. Sob este aspecto creio ser o romance bem mais fiel, especialmente pela vivência que Lindolfo Rocha tinha com a Chapada. Lúcia Miguel Pereira, Nilo Bruzzi e Afrânio Coutinho, os três que melhor estudaram a obra do romancista mineiro ( este último, sendo, inclusive, responsável por uma reedição de **Maria Dusá**, publicada pelo Ministério da Educação em 1969 ), salientam o caráter de fidelidade não só na fixação das cenas, mas especialmente na caracterização de personagens e o próprio João Ribeiro, sempre muito exigente, serviu-se de **Maria Dusá** para enriquecer o Vocabulário da Academia Brasileira, que organizou. Teria sido, assim, Lindolfo Rocha, guardadas as proporções, um precursor de Guimarães Rosa.

O traço marcante da vida chapadista – a exacerbação do poder local – o autor transferiu-o para uma personagem feminina. A linda e sedu-

tora figura que dá nome ao livro ( Maria dos ah ! ah ! ah !, que o povo fez Maria Dusá ), encarna, num misto de Tamara e Turandot, toda a prepotência de um grão-senhor, com seu poderio econômico, seus caprichos, sua vontade como arbítrio supremo. Só que aqui o tipo escolhido, em vez do clássico “coronel” é uma mulher que astuciosamente manobra os cordéis que fazem movimentar uma cidade inteira que direta ou indiretamente dela depende.

Meu contato com **Maria Dusá** remonta aos tempos de ginásio, quando o li na velha edição Chardon, de 1910. Sem relê-lo, não teria condições para afirmar até que ponto a novela lhe foi fiel. Mas uma cousa é certa: com todas as modificações que possam ter sido introduzidas, o tema foi mantido corretamente e, quando nada, fez tirar do esquecimento uma obra-prima do nosso romance regional. Seu autor, falecido em 1911, jamais imaginaria ( dada a pouca receptividade do romance, pois só João Ribeiro na época dele se ocupou ) o destino que seu livro viria a ter quase setenta anos depois. ( 28/7/1978 )

## 12. O CHAPADISMO EM “MARIA DUSÁ”

O romance **Maria Dusá**, que Lindolfo Rocha publicou em 1910 pela Livraria Chardon, do Porto, trazia como subtítulo: **Garimpeiros**, e à guisa de explicação indicava tratar-se de romance de costumes sertanejos e “chapadistas”. A palavra chapadista vinha mesmo entre aspas, a insinuar termo pouco sabido que o comum dos leitores provavelmente não conhecesse. O termo referia-se à Chapada Diamantina, extenso espinhaço que percorre o território baiano desde aproximadamente a divisa de Minas até a curva que o rio São Francisco faz, bem ao norte da Bahia, para tomar a direção do oceano. É região geográfica e morfológicamente bem caracterizada, estudada primeiramente pelo mestre Teodoro Sampaio e, depois, por quase todos os que trataram da geografia brasileira. Foi — e em parte ainda é — zona de acentuada atividade diamantífera ( como o nome o indica ) na qual se definiram e fixaram características bem marcantes, como de comum acontece nas regiões suficientemente individualizadas.

**Maria Dusá**, como lembrei em nota anterior, alcançou pouca repercussão. Tanto que só em 1969 fez jus a uma reedição e, não sei como, recentemente, alguma editora, motivada pelo êxito da novela da TV Globo, não cuidou de lançar uma nova edição do valioso livro. Se eu o conheci, foi porque meu professor de Literatura no curso ginasial, como bom escritor mineiro que era ( inclusive membro da Academia Mineira de Letras ), não deixava de puxar a brasa para a sardinha do regionalismo mineiro ( no que, aliás, fazia muito bem ) e, assim, nos fez conhecer, num só semestre, Bernardo Guimarães, Afonso Arinos e Lindolfo Rocha. Os dois primeiros, já os conhecia pelos excertos constantes das duas excelentes antologias que então se adotavam no ginásio, a de Carlos de

Laet e a de Eugênio Werneck. Mas Lindolfo Rocha não era antológico e nunca tinha ouvido o seu nome. Conheci-o, então, através de **Maria Dusá**, pois os outros livros que deixou, na época já eram raros. **Maria Dusá** também o era, mas a biblioteca do Granbery o possuía.

Já lembrei que João Ribeiro foi o único, dentre os nossos críticos, a ocupar-se de **Maria Dusá**, quando de seu aparecimento. E, dado o prestígio do mestre sergipano, isso devia valer por uma consagração. Mas não valeu. Lindolfo Rocha continuou desconhecido até que Lúcia Miguel Pereira dele se ocupou em numerosas páginas de seu importante livro sobre a prosa de ficção no Brasil. Pouco depois, Afrânio Coutinho, reeditando **Maria Dusá** antepôs-lhe excelente estudo, tratando do autor e do livro. E, pela mesma ocasião, Nilo Bruzzi publicando **O Homem de Maria Dusá** veio reavivar a lembrança do grande escritor. Os três autores ressaltaram unanimemente as altas qualidades do romance, desde o seu vocabulário até a fixação de caracteres humanos, particular em que Lindolfo Rocha atinge a perfeição.

A ambientação chapadista também é perfeita. A única dúvida que levanto é quanto à localização da maior parte do romance. Xique-Xique não me parece a cidade ideal para retratar a alma chapadista. Lençóis, talvez, o fosse muito mais. Situada à margem do São Francisco, vivendo mais em função do rio e da pecuária, nunca tendo sido um centro apenas diamantífero, Xique-Xique ( ou Chique-Chique, como na época se grafava ) está longe de ser a capital da região, local pouco adequado, por exemplo, para ali existir um jornal intitulado "Notícias da Chapada", dirigido pelo patife do Aristo. Mas o autor deve ter tido suas razões para deslocar a cena de seu romance, o que, aliás, não o invalida. Seu "chapadismo" é magnífico, talvez único na literatura brasileira e, sob este aspecto, podemos considerar **Maria Dusá** uma obra-prima das nossas letras.  
( 4/8/1978 )